

O SENTIDO DA EPOPEIA

Este texto, com algumas diferenças, foi levado à cena em 1986 pelo grupo «O Bando», sob o título *Estilhaços*. A encenação foi de João Brites e a interpretação de Márcia Breia, Maria Emília Correia e Pompeu José.

Personagens

MARIANA
NOÉMIA
OCTÁVIO

1. A CHEGADA

NOÊMIA e MARIANA chegam a uma pensão, numa terra alentejana, onde decidiram passar uns dias, longe de tudo. As duas amigas têm mais de quarenta anos de idade. Vestem bem.

Já no quarto, vão alegremente atirando a bagagem para cima da cama.

MARIANA: Uma mala!

NOÊMIA: Outra mala!

MARIANA: Um saco!

NOÊMIA: Um casaco felpudo!

MARIANA: Mais outra mala!

NOÊMIA: Uns óculos escuros!

MARIANA: Mais um saco...

NOÊMIA: Ainda outro saco...

MARIANA: Uma máquina de escrever...

NOÊMIA: Eh, lá, isso não, não me atires a máquina de escrever!

MARIANA: Uma maleta!

...

NOÊMIA: Hum, os lençóis cheiram a mofo...

MARIANA: Cheira tudo a banho. É de estar fechado. Vamos lá a arejar isto...

NOÊMIA: A janela está um bocadinho perra. Estes tipos ainda não descobriram o alumínio...

MARIANA: Ainda bem!

NOÊMIA: Dá aqui uma ajuda... Olha, sempre julguei que a vista fosse melhor... Construíram para ali uns casinhotos ou lá o que é aquilo...

MARIANA: «Cabanejos»! Mas, também, que querias tu ver?

NOÊMIA: Olha, ao menos, sobreiros...

MARIANA: «Chaparrós»! Ai achei tanta graça ao homem...

NOÊMIA: Qual, ao pastor?

MARIANA: Ao pastor: «Montevetro é já além à direita daquele chaparro. Haverá de lá estar uma tabuleta mas os moços dum cabrão deram cabo dela...»

NOÊMIA: «Já além»... Vinte quilómetros de estrada ruim.

MARIANA: O ar é puro. Vamos cá ter uma destas orgias de oxigénio...

NOÊMIA: À falta de melhor.

MARIANA: Talvez se arranje, quem sabe?

NOÊMIA: Ih, a cama range que se farta...

MARIANA: O meu inalador? Queres ver que me esqueci do inalador? Ah está aqui... Que alívio. Preciso de ter o inalador sempre à mão. O ar é puro mas, às vezes, a humidade...

...

MARIANA: Ah, cá estamos...

NOÊMIA: Cá estamos...

...

MARIANA: Bah, estou cheia de pó. O esturpor da estrada... Sinto-me toda pegajenta.

NOÊMIA: Também eu. Olha! Olha!

MARIANA: Tenho de tomar um duche.

NOÊMIA: Eu também. Espero é que tenham a água quente ligada... Vai tu primeiro.

MARIANA: Não, não, primeiro tu!

NOÊMIA: Vá lá...

MARIANA: Ai que cerimónias. Olha, tiramos à sorte. «Um dó li tá, cara da mendoá, um soneto colorido, um dó li tá...»

Vês? Calthou-te a ti...

2. REMINISCÊNCIA

MARIANA: Ao passar por Évora bem podíamos ter ido ver o Octávio.

NOÊMIA: Sabes, quando eu estou a conduzir e tenho um destino não gosto de parar a meio. É tudo de fiada... Não descanso enquanto não chegar ao fim da linha. Sempre fui assim...

MARIANA: Também, era só um pequeno desvio...

NOÊMIA: Além disso parece-me incorrecto aparecer em casa das pessoas sem avisar primeiro. Aliás, em qualquer altura podemos passar por lá. Não fica muito longe... É já além, como dizem aqui na região.

MARIANA: Eu estive para te dizer, mas depois não... Achas que ele gostava de nos ver?

NOÊMIA: Quem sabe? As pessoas, nas circunstâncias em que ele se encontra, às vezes tornam-se azedas...

MARIANA: Mas, bem vês, passarmos mesmo ali a dois passos e...

Noémial

NOÊMIA: Hum...

MARIANA: Vamos lá um dia destes, está combinado?

NOÉMIA: Vamos, pois. Amanhã, ou assim...

MARIANA: Os amigos são para as ocasiões, não é?

NOÉMIA: Temos que lá ir mas não é para cumprir provérbios, não é por convenção social. É porque era nosso amigo, ou melhor, é nosso amigo, e gostamos dele.

MARIANA: Ah, claro, claro...

NOÉMIA: Onde é que te queres instalar?

MARIANA: Que?

NOÉMIA: Pergunto onde é que te queres instalar. Na mesa de camilha ou na secretária? A mim tanto se me dá... Trabalho bem em qualquer lado.

MARIANA: Então, pronto, fica tu com a mesinha que eu tenho mais papéis...

Era um miúdo tão giro.

NOÉMIA: O Octávio? Pois era...

MARIANA: Encarava a vida com uma grande frescura. Espantava-se com tudo, mesmo com pequenas insignificâncias. Era capaz de estar a falar connosco de política e interromper-se para dizer, encantado: «Olha um metro, viste aquele metro?»

NOÉMIA: Sim, distraía-se um bocado...

MARIANA: Às vezes dava-me a impressão de que não me levava muito a sério. Tratava-me como uma miúda. Era muito delicado, muito cauteloso comigo. Nunca me exigia que fizesse esta ou aquela tarefa. Pedia sempre: «Mariana, tu não te importavas de...»

NOÉMIA: E o que eras tu, senão uma miúda?

MARIANA: E ele? E ele? E tu? E tu?

Olha, vou-te pagar a gasolina.

NOÉMIA: Agora? Tu estás maluca... Fazemos as contas no fim...

3. REVIVALISMO...

MARIANA: Deve haver mosquitos, à noite. Vi uns

velhos sentados com mata-moscas na mão. Há-de haver por aí mosquitada em barda...

NOÉMIA: A mim não me incomodam...

MARIANA: Não? Nem as melgas? Que sorte. Cá a mim, é cada baba...

NOÉMIA: Que estás a fazer? Deixa estar isso. Há tempo para arrumar...

MARIANA: Não gosto de ver coisas espalhadas. Não me dá jeito...

...

E agora, ligar para casa...

Podia ligar-me para Lisboa, para o 456789?...

Ninguém atende? Mas não atendem ou está interrompido? Ah, não atendem... Obrigada, eu depois volto a telefonar.

«Logo que chegues, telefona, logo que chegues, telefona...»

Eu telefono e não está ninguém...

NOÉMIA: Se calhar ele foi... comprar cigarros...

MARIANA: Olha, um pássaro, um pássaro! Quase nos entrava pela janela dentro.

NOÉMIA: Detesto pássaros!

MARIANA: Eu também, mas visto assim, contra o céu, dava uma sensação de... Mas também não gosto de pássaros. Aquelas garrazitas mornas e aduncas, buáh...

NOÉMIA: Eu odeio pássaros porque a literatura está cheia de pássaros. Não há poeta que não meta pássaros nos poemas... Já não se atura... São os pássaros e os anjos de pedra. Safai!

MARIANA: Ora bem, então quando é que se começa a trabalhar?

NOÉMIA: Tão ansiosa... Hoje proponho que não se trabalhe. Hoje descansa-se. Assim as duas quietas, a olhar...

MARIANA: Lá em casa ninguém me pode ver sosse-

gada. É como se fosse antinatural... Mal eu me sento, vêm logo o André ou o meu filho a pedir qualquer coisa, a perguntar qualquer coisa...

Eles não fazem de propósito, nem repararam, mas lá no íntimo devem pensar que aquilo não faz sentido: a mãe sentada? A mãe a não fazer nada? E arranjam sempre maneira de me pôr a cirandar de um lado para o outro...
NOÉMIA (*traiteando*): *You load sixteen tons and what do you get? / Another day older and deeper in debt*...

AMBAS: *Saint Peter don't you call me / 'cause I can't go. / I owe my soul to the company store*...

MARIANA: Não brinques!

NOÉMIA: Tu também não te impões...

MARIANA: Não é isso... É que se eu não me mexesse, punham-me a casa de pantanas.

O quê, também trouxeste a almofada? A almofada?

NOÉMIA: Trago sempre. Recuso-me a dormir em almofada que não seja a minha. As pessoas riem, acham esquisito... Quero lá saber! Prefiro uma ironia a um torçicoló...

MARIANA: Mas que é que tem de especial, essa almofada?

NOÉMIA: Nada... Sei lá... É fofa... é a minha almofada...

MARIANA: Quando me lembro de ti, toda activa, a tomar decisões, a definir orientações... Quem é que iria adivinhar que tu, lá muito em segredo, tinhas uma almofadinha predilecta?

NOÉMIA: Ah, sim? E quem é que iria adivinhar que tu, tantos anos volvidos, virias a dar numa pacata economista, toda voltada para os teus planos de investimento? Tu, sempre de cabelos ao vento, vestida de bombazina e cabedal, a distribuir panfletos...

MARIANA: Eu não andava sempre de bombazina e cabedal. Tinha umas calças de bombazina, como toda a gente... Verdes, ainda me recordo...

NOÉMIA: E um casaco de cabedal, não?

MARIANA: Ná, estás a confundir, não era eu...

Tu é que andavas sempre de saia e casaco, muito composinha... Nem parecias progressista. Havia até quem fizesse comentários.

NOÉMIA: Havia? As parvas...

MARIANA: Tinha graça se, naquele encontro de outro dia, tivéssemos aparecido todos vestidos com os trajes de então: tudo de bombazina, tudo de camisolão, tudo de cachecol colorido, tudo de camisa à pescadora. As mulheres de rabo de cavalo, os homens de barba cerrada...

NOÉMIA: Já agora, alguns vestidos de polícia de choque, para completar a mascarada...

Havia de ser um festival de desabotoados e esborregados, a tentarem caber em fatos que já não lhes servem. As mulheres ficam mal, de rabo de cavalo branco. E com os homens todos de barba branca, aquilo havia de parecer um concurso de Pais-Natal...

MARIANA: Deixa-me rir. Estou a pensar no Raul, vestido de Pai Natal...
Imagina, o belo Raul, o grande destróçador de corações...

Como ele está agora... Até me fez pena: balofo, completamente calvo, beijoleta descida, a falar com voz roufenha. Lembra vagamente um vendedor de automóveis...

NOÉMIA: Há que reconhecer que nós também estamos... enfim, um tudo-nada diferentes...

MARIANA: Pois, um tudo-nada...

NOÉMIA: Foi a última vez que me apanharam numa reunião daquelas...

MARIANA: Não tínhamos nada que dizer uns aos outros, não era?

«Ah, tu eras o tal... pois, já te estou a reconhecer... Ainda estás lá no mesmo sítio, não?» «Qual sítio? Eu sou advogado em Penafiel...» E tínhamos de fingir aquela alegria postiça... Ainda bem que ninguém se lembrou de

começar a cantar... Também, quem se lembra ainda das letras das canções?

NOÊMIA: Antes assim... Com música seria tudo ainda mais... desconfortável.

Faltava lá o Octávio. Senti a falta do Octávio...

MARIANA: Quem é que te contou?

NOÊMIA: O quê?

MARIANA: Aquilo do Octávio...

NOÊMIA: Quem é que havia de ser? Vê se adivinhas...

MARIANA: A Amélia?

NOÊMIA: A Amélia, claro...

O desprezo que eu sinto pela Amélia... Deu em parafita das desgraças dos outros. Ela compraz-se com as infelicidades, dir-se-ia que se nutre disso. Há um casal desavinado? A Amélia proclama: alguém tem dificuldades de dinheiro? A Amélia divulga: alguém está doente? A Amélia vai de porta em porta anunciar... E tira infomações, e dá pommenores... com aquele falso ar de compaixão... No fundo, a desgraça dos outros dá-lhe tanto prazer...

MARIANA: Pobre Octávio...

NOÊMIA: O jeito radiante com que ela chega ao pé de alguém e diz: «Sabes, fulano foi fazer uma biopsia. Parece que é grave...»

Vacai!

MARIANA: Pobre Octávio... Se fosse só o álcool... Mas ela deu-me a entender que havia mais qualquer coisa... Uma doença má...

NOÊMIA: Há doenças boas?

MARIANA: Não derives... Sabes o que quero dizer... Eu estive vai não vai para lhe telefonar, para o procurar... mas depois não calhou. Metia-se sempre qualquer coisa pelo meio. Enfim, não calhou...

Pena que não tivéssemos passado por lá, à vinda...

NOÊMIA: Podias ter avisado que era naquela terra que ele estava a viver...

MARIANA: Mas tu ainda há bocado dissesse que nunca paravas, nas viagens.

NOÊMIA: Pois, está bem. Mas podias ter avisado...

MARIANA: Para quê?

NOÊMIA: Não interessa. Avisavas, pronto!

...

Também nunca mais o vi. Os dias foram passando, passando, e... nunca deu jeito...

...

MARIANA: Está-se bem aqui, assim... Ouves o ruído das árvores? Em Lisboa nunca se dá por ele.

NOÊMIA: E os grilos.

MARIANA: E os grilos...

NOÊMIA (*trauteando*): Nada poderá deter-nos / nada...

MARIANA: Mas essa foi a canção que o Octávio cantou no Convívio de Ciências. Lembra-te? O Octávio, naquela noite, estava em grande forma, radiante...

MARIANA E NOÊMIA: *Nada poderá deter-nos, / nada poderá vencer-nos, / vimos do cabo do mundo, / com este passo seguro...* (1)

MARIANA: O Octávio.

NOÊMIA: O Octávio... Amanhã...

4. A ESCRITORA

MARIANA: Vocês, os escritores...

NOÊMIA: Não me digas isso assim que eu fico logo em pânico. Eu, antes de mais, sou funcionária pública. Só depois é que sou escritora...

(1) Joaquim Namorado e Fernando Lopes-Gracia, *Canções Heróicas*.

MARIANA: Viva a modéstia...

NOÊMIA: Modesta, eu?... Olha, olha...

MARIANA: Vocês todos, quando escrevem, estão sempre pensar na posteridade, não é?

NOÊMIA: Ora, eu queria era que a posteridade ficasse lá para diante, muito sossegada... Tomara eu que os de agora me lessem, quanto mais a posteridade...

MARIANA: Vamos, lá... confessa. No fundo, no fundo...

NOÊMIA: Olha uma coisa, e esse teu plano de investimento, como vai?...

MARIANA: Antipática! Vai indo. Mas não é sangria desatada...

Coloco a amizade antes.

NOÊMIA: A conversa, queres tu dizer...

MARIANA: Dizias que só escrevias à máquina, que só escrevias à máquina... Eu a pensar que eras uma escritora mecanizada e, afinal, estás para aí a escrever à mão. Nem sequer abriste o estojo da máquina...

NOÊMIA: E depois? Sou inconstante, pronto. Não posso dar-me ao luxo de ser inconstante? Mariana, Mariana, vá lá, deixa-me ser um bocadinho volúvel, deixas?

MARIANA: Lá por isso, minha querida, tem a bondade! Os defeitos são para se exercitem. Por mim, até acho graça...

A posteridade... A mim não me interessa nada, a posteridade. Se daqui a dois séculos aparecer alguém a dizer que antigamente havia uma tal Mariana Ferreira que fazia uns planos de investimento do caraças, garanto-te que isso não me afecta nada... Tu... Tu vais fugindo, não é, Noémia?

NOÊMIA: Então, Mariana...

5. METÁFORAS...

MARIANA: Mostra!

NOÊMIA: Não, não mostro. Não mostro! Isto está só apontado. É uma primeira versão... Não mostro nada a ninguém quando estou a escrever.

MARIANA: Mas eu não sou ninguém, sou tua amiga, ou não?

NOÊMIA: Não puxes!

MARIANA: Vá lá...

NOÊMIA: Não puxes, olha que rasgas...

MARIANA: Se rasgar, a culpa é tua. Largai!

NOÊMIA: Ah, puta... (risos)

...

Então?

MARIANA: Giro, porreiro...

NOÊMIA: É tudo o que tens para dizer? «Giro, porreiro»...

MARIANA: É muito... enfim, muito... parecido contigo...

NOÊMIA: Está um bocado confessional, não achas?

MARIANA: Pois, é natural... as pessoas falam do que sabem...

Tu falas de ti, dos teus problemas... Havias de falar de quê? Dos mineiros? Tu não sabes nada de mineiros, falas de ti. É assim...

Olha, não levás a mal que eu te faça um reparo?

NOÊMIA: A mal? Até agradeço. Diz, diz...

MARIANA: Sério?

NOÊMIA: Diz lá...

MARIANA: Aqui onde está escrito... deixa ver... «As pernas dele bambolevavam como dois pêndulos soltos...»

NOÊMIA: Então?

MARIANA: É que, com franqueza... dois pêndulos... Logo dois pêndulos juntos... Não estou a ver, francamente não estou a ver os pêndulos aos pares... Não é que, em rigor, não possa ser... E, é claro, há a linguagem

poética... Mas, dois pêndulos e ainda por cima soltos... Já vê... Soltos? É como se o homem estivesse no ar e as pernas a dar e dar... As pernas, ou mesmo os...

NOÊMIA: Dá cá isso!

MARIANA: Eu só...

NOÊMIA: Dá cá, imediatamente!

Largai!

MARIANA: Mas que estás a fazer? Para que é isso? Não rasgues. Não rasgues!

Que feito... Aquilo era só uma observação de pormenor... O que eu fui dizer... Aliás, posso estar perfeitamente enganada. Era só uma opinião de passagem...

NOÊMIA: Lixo com esta trampa toda!

MARIANA: Noémia, que feito...

NOÊMIA: Pronto. Está no lixo. Ficaste satisfeita, não?

MARIANA: Oh, Noémia, eu não queria...

NOÊMIA: Ah, minha querida, não penses que a tua opinião teve a mínima importância... A mínima... Eu também, francamente, já não estava a gostar deste texto. Era só o que me faltava... Estava feita, se tivesse que reconsiderar de cada vez que os amigos botam sentenças...

MARIANA: Estás a ser injusta...

NOÊMIA: Eu sei bem o que valho. Têm sido bem recebidos, os meus livros... O Alçada até me mandou um cartão... não digo entusiástico, mas muito simpático. E a crítica...

MARIANA: Noémia, por amor de Deus, eu não po-nho nada disso em causa, eu limitei-me...

NOÊMIA: Não percebeste nada do texto, confessa. Não percebeste mesmo nada. A tua reacção, aliás — «é giro, é porreiro» — desculpa, mas é mesmo de quem não percebeu patavina...

MARIANA: Pronto, está bem, não percebi...

NOÊMIA: E fica sabendo, não és tu que me vais demover de continuar a escrever...

...

MARIANA: De que é que estás à procura?

NOÊMIA: O número de telefone do Octávio!

Estava aqui, o número do Octávio... Onde é que o puseste?

...

Por favor, ligava-me ao...

Não, deixe estar, não é nada... Nada, nada, obrigada...

...

Sabes? Detesto bêbedos. Sempre detestei bêbedos: aquelas vozes entarameladas, os gestos peganhentos, a imagem da decadência... Não, não suporto. Assim, de um momento para o outro, não... É deprimente... Ainda por cima, enervada como estou... Não, não consigo! Fica para depois. Ligas tu, está bem? Ligas tu, mas depois...

6. A FAMÍLIA

MARIANA: O André está um lorde, um paxá... Não quer saber de nada, não se rala com nada... Podia arranjar outro emprego, mas marimba-se. Diz que não está para se chatear com os impostos...

Não te grama, sabes?

NOÊMIA: Ai não me grama?

MARIANA: Acho que é uma espécie de ciúme. Quando tu telefonas torce sempre o nariz... Enfim, esquisites, ressentimentos que já vêm dos velhos tempos...

NOÊMIA: E tu acreditas nisso?

MARIANA: No quê?

NOÊMIA: O teu homem diz-te que não gosta de uma amiga tua, e tu acreditas... Que ingenuidade...

MARIANA: Por que é que não havia de acreditar?

NOÊMIA: Eu só acreditava se ele me dissesse isso a mim, a sós... E mesmo assim... podia sempre ser para ti-rar um efeito...

MARIANA: Que autoconfiança que tu tens...

NOÊMIA: Experiência... experienciázinha...

...

MARIANA: Mas eu ia a dizer... Não sei se continue a dizer...

NOÊMIA: Diz... diz...

MARIANA: Ele cada vez fala menos. Antigamente ainda passávamos serões inteiros a conversar... Agora, chega a casa, veste uma jaleca velha e vai tratar dos aviezinhos. Quase todas as semanas compra uma caixa de construções e dedica os tempos livres a construir aviões de plástico. Nem os telefonemas atende. Tem cá uma colecção... O dinheirão que ele gasta naquilo...

Eu não desgosto de o ver entretido. Ainda assim, sempre é melhor do que quando ele tinha a mania do Alexandre Dumas. Passava horas e horas a ler Alexandre Dumas: *As Jóias da Rainha*, *José Balsamo* e coisas assim, de quatro ou cinco volumes. O gozo que aquilo lhe dava... E chegava a acordar-me, de noite, para me ler trechos do Alexandre Dumas...

De resto, não está disposto a ralar-se com mais nada. Tanto se lhe dá que chova ou faça sol...

Mas olha lá, o que é que tu querias dizer com aquilo? NOÊMIA: Tu não és capaz de estar calada?

Desculpa, mas eu estou aqui a tentar concentrar-me e tu falas, falas... Por que é que não te concentras também no teu trabalho?

MARIANA: Ai, desculpe lá... que susceptibilidade... Não queria perturbá-la...

NOÊMIA: Não querias, mas perturbaste. Pronto, diz lá... Diz lá...

MARIANA: Agora também não digo.

NOÊMIA: Vá lá...

MARIANA: Não, não, cada qual trabalha nas suas coisas, pronto.

NOÊMIA: Era o teu marido, não era? O teu marido. Pronto, conta lá...

MARIANA: Acabou-se!

NOÊMIA: Então...

MARIANA: Nem penses...

NOÊMIA: Amadiça, caramba...

7. A OPERTA

MARIANA: Já te passou? Hoje estás melhor?

NOÊMIA: Também não era nada de cuidado. Uma dor de cabeça... uma moinha...

MARIANA: A mim pareceu-me que era sobretudo neural. A maneira como tu falaste com o homem da recepção...

NOÊMIA: Há dias assim...

MARIANA: E já tinhas atestado o depósito, já tínhamos comprado a caixa de chocolates...

NOÊMIA: Ontem estava que não podia ver ninguém... Há ocasiões em que não posso ver ninguém na minha frente. Fico zangadicha com toda a gente... as pes-soas metem-me raiva.

MARIANA: Na parte que me toca... desculpa lá a minha presença.

NOÊMIA: Deixa-te disso. Não era nada contigo... era com o mundo... Estava zangada com o mundo, pronto... Não era bom dia para visitar o Octávio... Já vê...

MARIANA: Achas que ele gosta de chocolates?

NOÊMIA: Nunca se sabe de que é que os homens gostam... O que é que lhe havíamos de levar? Flores? Um cinzeirinho artesanal?

MARIANA: Depois, se calhar, a irmã come-lhos to-

dos. Pior para ela. Não devem ser grande coisa estes chocolates comprados aqui. Devem ser mais velhos que a Sé de Braga...

NOÉMIA: Dá cá um... Depois logo se compra outra caixa...

MARIANA: Vá lá... Hum... não são maus... Vamos amanhã?

NOÉMIA: Vamos, pois.

MARIANA: Não queres telefonar já, a avisar?

NOÉMIA: Para quê? Telefonamos amanhã, antes de partirmos.

Oxalá ele não esteja bêbedo...

Eh, não comas os chocolates todos... Fussangona...

8. A VIDA REAL

Toca o telefone

MARIANA: Filho, filho, então, como estão todos? O pai? Ah, sim? Olha, olha... Os avós? Diz que eu mando um beijinho, eu mando um beijinho... Tens estudado? Diz ao pai que não se esqueça do cobertor eléctrico ligado. E tu, lembra-te de mudar a serradura do gato. Hã? Ah, sim? Claro.

Quê? Para o Gerês? Nesta altura do ano para o Gerês? E o que é que o pai te disse? Ah, pois, isso são coisas que compete à mãe resolver... Tudo o que tenha responsabilidades... Chama lá o pai. Ai foi aonde? Hum...

Olha, tem lá paciência mas eu não estrou nada de acordo que vás para o Gerês... Aquilo são só penhascos e ribanceiras... E com quem é que ias? Ah, nem pensar... nem pensar... Tens muito tempo para ir ao Gerês... Aquilo deve estar gelado, por lá... Tu és ainda muito novo, filho... é perigoso... Por que é que vocês não vão antes até à Costa, para casa dos avós? Agora não deve estar lá ninguém... Não grites, se fazes favor não grias ao tele-

fone! Eu te dou a tirania... Pronto, está o caso arrumado... Beijinhos...

...

... Bem, onde é que eu tenho o lápis? Que chateice, ando sempre a perder os lápis. Bolas! Olha, tem o bico partido. Lápis chineses... Ele há dias...

NOÉMIA: O comboio, estás a ouvir o comboio? Nem sempre se ouve. Só quando o vento corre de feição...

MARIANA: Queria ir para o Gerês! Sozinho, com uns amigos, para o Gerês. Ainda se estampava de algum barranco abaixo... Com quinze anos, para o Gerês. Eu só fui ao Gerês com mais de trinta, e ainda assim ia caindo por uma cascata... Conheces o Gerês, tu?

NOÉMIA: Conheço.

MARIANA: E o pai não liga nenhuma, está-se nas tintas. Desde que não o incomodem...

Não é uma questão de rigidez, percebes, mas eu ficava em cuidados, a imaginá-lo a suportar aqueles frios. Até lobos há...

NOÉMIA: Ora, Mariana, coitadinhos dos lobos. Tomara eles que não os chateiem, quanto mais...

MARIANA: Tive que recusar, claro. E ele ficou aborrecido, mas não havia outra alternativa. Agora, para o Gerês... Um bando de carraios, de mochila às costas, lá no extremo de Portugal. Era só o que faltava...

NOÉMIA: Deixa lá o moço...

MARIANA: Deixa lá o moço, deixa lá o moço... É muito fácil para quem não tem filhos decretar a tolerância. Tenho reparado que as pessoas que não têm filhos são sempre de um extremo liberalismo quando se trata dos filhos dos outros...

NOÉMIA: Pronto, já aqui não está quem falou. Se não me dás o direito de me pronunciar, eu não me pronuncio...

MARIANA: Para o Gerês...

«Curtir!»... Diz-te alguma coisa, isto: «curtir...»?

NOÊMIA: Diz: significa divertir-se, gozar... Não me digas que não sabias. Em que mundo vives tu?

MARIANA: A primeira vez que ouvi a palavra, associei logo a curtumes, peles... lembrei-me daquelas manufaturas malcheirosas de Marrocos... Imagina, apareceu-me lá um puto em casa, muito desenhado, e veio desafiar o meu para irem curtir um bocado, não sei para onde... Cheguei a pensar que eles estivessem interessados em artesanato... «Curtir»... Onde raio foram eles buscar esta acepção? E como Disco Jockey... O meu marido costuma dizer que isso de Disco Jockey é um homenzinho que anda a cavalo nos discos. E o meu filho: «Pai, com franqueza, sempre a mesma piada...»

São muito diferentes de nós, não são?

NOÊMIA: Ainda bem...

MARIANA: Ainda bem, o tanas...

...

Já te contei aquela dos cadernos? Apareceu-me o puto a rir-se: «Imagina que o Pedro queria que eu lhe emprestasse os meus apontamentos... Os apontamentos de Física, que me deram um trabalho»...

«Então?», perguntei eu...

«Ora, então... quem quer bolota atrepa, mãe. Eu estava a trabalhar para ele, não?» «Com franqueza, não percebi...» «É fácil de perceber. Eu emprestava-lhe os meus rícos apontamentos e ele, sem esforço nenhum, acabava por tirar melhor nota que eu. Não era justo, mãe...» «Ah, e é justo recusares a solidariedade a um colega?»

«Solidariedade? Isso é retórica humanista, mamã...»

Imagina, Noémia, retórica humanista...

NOÊMIA: Sinal dos tempos...

MARIANA: O André levantou os olhos do jornal e

resmungou qualquer coisa lá do seu canto, «alavres», ou coisa parecida...

Um miúdo de quinze anos a preocupar-se com o emprego, com o seu futuro pessoal, numa idade em que deveria ainda brincar, fantasiar... É uma violência, Noémia, isto que estão a fazer aos nossos filhos. O egoísmo como norma de vida. Que será desta geração?

NOÊMIA: Nada, vão ser excelentes pais e mães de família, como tu e os outros... E não te preocupes: estas coisas vêm e vão. Tudo passa...

MARIANA: Aqui há uns anos, deram na televisão a notícia dum a manifestação reprimida num desses países da América do Sul. O miúdo olhou para nós e disse: «Mas para quê aquilo, que é que tinha? Era apenas uma manifestação...» Vieram-me as lágrimas aos olhos e reparei que o André também tinha ficado comovido: Era apenas uma manifestação... Valeu a pena, termos passado pelo que passámos para que os nossos filhos pudessem dizer tranquilamente: «Que mal faz? Era apenas uma manifestação...»

E, no entanto, agora está assim...

NOÊMIA: E as manifestações no nosso tempo... minimal!

MARIANA: O Octávio ia sempre à frente. Apanhei cada susto...

NOÊMIA: Também eu! Corria, corria... Uma vez partiu um salto.

MARIANA: Também, só tu é que ias de salto alto para as manifestações...

Lembras-te? «Companheiros! estudantes!»

...

NOÊMIA: Tu estás um bocado obcecada com o passado. Confessa...

É uma armadilha, Mariana, acredita, a obsessão com o passado é uma armadilha. Estamos encantados, fas-

9. O ENGENHEIRO

MARIANA: Filautal!!!

NOÊMIA: O quê?

MARIANA: Filautal!

NOÊMIA: Não percebi, francamente...

MARIANA: Filautal. Tu és uma filautal. Fi-lau-tal!

NOÊMIA: Mas que é que isso quer dizer? Filautal?

MARIANA: Sempre tenho ouvido esta palavra e nunca soube bem o significado dela antes de te conhecer.

Não tenho dúvidas. Filautal és tu, só podes ser tu: tu ardes em amor por ti própria, tu amas-te a ti e a mais ninguém. Amas-te? Minha querida, tu tens uma verdadeira paixão por ti, uma autêntica idolatria...

Aposto que, à noite, quando me apanhas a dormir, ajoelhas do teu lado da cama e diriges orações a ti própria. Tu és a tua grande divindade, Noémia... Que privilégio, uma religião tão exclusivista...

NOÊMIA: Mas que foi, que foi agora? O que é que me faz merecer a honra de um insulto raro?... Filautal, ora, filautal...

MARIANA: É venha a mim, venha a mim... São os teus papéis, é o teu espaço, são as tuas decisões, é a tua vida... só pensas em ti. Saíste-me a pessoa mais egoísta que eu já vi em toda a minha vida...

NOÊMIA: Que exagero... Mas tens de me reconhecer uma qualidade: a paciência, safal... Eu estava tão bem sozinha, não sei porque é que aceti a...

MARIANA: Olha acedeu, olha, ela acedeu... Pois se foste tu quem me desafiou. Eu estava tão bem em Lisboa, não precisava nada de me vir meter nesta espelunca... Eu tenho família, eu...

NOÊMIA: Olha, Mariana, a mim, francamente, já não me sobra pachorra para estas discussões. Se queres fazer uma cena vai lá ter com o teu maridinho, põe a mão na anca e desata a peixeirar... Comigo não! Vá lá uma pesoa meter-se com mulherzinhas...

cinados e depois... depois não suportamos o confronto com o mundo real... Em casa dos meus pais, nunca houve televisão. Íamos ver a casa de um vizinho. Quando apareceu o primeiro frigorífico, comprado a prestações... ainda me recordo... foi uma festa. Automóvel, nem pensar. Cheguei a usar os vestidos da minha mãe, aquelas saias-casaco, de que tu tanto te admiravas... Tinha os tostões todos contados. Cedo aprendi a defender-me, Mariana. E tu também tinhas obrigação de te saber defender...

MARIANA: Defender-me, eu? Mas defender-me de quê?

NOÊMIA: Olha, lá no ministério, há quem queira fazer-me a vida negra. Um cercozinho de maquinções, trapações, pequeninas perfídias... A mim não me apanham em falso. Escrevo tudo. Registro tudo o que faço, tudo o que os outros dizem, chego a tomar nota do que eu própria digo. Não me apanham, Mariana. Tu devias fazer a mesma coisa...

MARIANA: Lá na empresa também há umas chatices, mas, francamente, não tenho grande razão de queixa... Nem sequer reparo em muita coisa...

NOÊMIA: Pois é, não reparas... Estás voltada para o passado, para um mundo de fantasias e de *slogans*, Mariana. Tens de enfrentar a vida. Ficaste fascinhada por uma série de vocábulos: «generosidade», «solidariedade», «fraternidade»... Razão tem o teu miúdo. Defende-se, sabe mais da vida que tu...

MARIANA: Não te estou a reconhecer, Noémia...

NOÊMIA: Tu, Mariana, o André, o Octávio, nunca foram capazes de encarar a vida como ela é: dura, perversa, enganosa, madraستا... E agora aí estão, muito espantados, a receberem lições dos miúdos...

MARIANA: Eu tenho princípios e não abdico deles...

NOÊMIA: Tens princípios? Era melhor que tivesses fins...

MARIANA: Antes uma mulherzinha que uma balzaquiana gadeira a armar ao pingarelho.

NOÊMIA: Bastal!

MARIANA: Mas basta, o quê? És tu agora que decides também quando é que eu falo e quando não falo? «Basta, basta», como se eu aceitasse ordens tuas.

NOÊMIA: Ouve, escuta...

MARIANA: Não pode ser, tens de perder essa mania de mandar nos outros...

NOÊMIA: Mariana, por favor, presta atenção: somos duas pessoas adultas e civilizadas. Tu estás muito exalada...

MARIANA: E tu, não estás exaltada?

NOÊMIA: Estava, estava, mas já passou... Vamos tentar controlar-nos, está bem?

Pronto, eu reconheço que também me excedi um bocadinho: não é meu costume, mas, enfim... agora, tu, francamente, a chamares nomes... A chamares «filautra»... filautra...

MARIANA: Fazes-me raiva, às vezes fazes-me raiva... NOÊMIA: Foi aquilo do engenheiro, não foi?

MARIANA: Quero lá saber do teu engenheiro...

NOÊMIA: Já vês, ele convidou-me a mim... Acho que seria incorrecto levar outra pessoa comigo... Já não tenho idade para paus-de-cabeleira.

MARIANA: E foi correcto, deixares-me para aqui, a fazer horas... Mas não importa, não é isso que importa, amigo não empata amigo...

NOÊMIA: Cada qual tem a sua vida, não é?

MARIANA: Pois...

Mas tínhamos combinado que era hoje que telefonávamos ao Octávio, e que hoje reservávamos a tarde para ir visitar o Octávio. E tu estiveste-te nas tintas e foste sair com o engenheiro...

NOÊMIA: Amanhã, amanhã falamos ao Octávio...

MARIANA: E o engenheiro, que tal?

NOÊMIA: Que tal o quê?

MARIANA: Ora... Vá lá...

NOÊMIA: Então, o engenheiro é um parvo. Provavelmente nem é engenheiro; deve ser caixeiro-viajante, ou coisa parecida...

Imagina que diz «ataques epiléctricos. «... Fulano, estava com ataques epiléctricos...» Tem uns olhos bonitos, mas é tudo... Um pateta...

MARIANA: E... então?

NOÊMIA: E... então, nada. Fomos ao castelo. Ele faturou-se de falar. Sabe imenso de automóveis, de carburadores, dessas lérias... Foi cá uma seca...

Tenho um pendor para os tipos sentenciosos... nem queiras saber. Às vezes apanho uns que querem impressionar-me falando sobre vinhos. Há fulanos capazes de decorrer durante horas acerca de vinhos. Acho que decoram aqueles álbuns que há para aí... e depois debitam, debitam... A esses aplico-lhes sempre a mesma receita: olho, muito penetrada, para o vinho que tenho no copo, miro-o com ar conhecedor, volto-o um pouco e digo: «É um bocado adstringente, não lhe parece?» Resulta sempre! Os tipos reconhecem que, efectivamente, o vinho é um tudo-nada adstringente. Aliás, cheguei à conclusão de que tudo o que se diga sobre vinhos está sempre certo. Desde que afirmes, com convicção, que é adamado, fechado, víçoso, ou adstringente, ninguém te contraria. E quanto mais palavrorio metafórico usares, mais brilhas...

MARIANA (r): «Ai, ataques epiléctricos, ai, adstringente...»

NOÊMIA: Vês? Tu tão abespinhada e, afinal, o auto-denominado «engenheiro» era um atraso de vida... E quanto ao Octávio, amanhã também é dia...

MARIANA: Pois, deixa lá... O que não se faz em dia de Santa Maria, faz-se no outro dia...

Telefone

NOÉMIA: Vai, vai, atende. É para ti. Só pode ser para ti...

MARIANA: Sim? É sim... Só um momento, se faz favor...

Afinal era para ti, o teu engenheiro...

NOÉMIA: Olá, está bom, desde há bocadinho? Não, não. Vou jantar aí a qualquer lado, com a minha amiga. Estou acompanhada, não reparou? Não... Não... Não, não dá jeito. Não, não vale a pena insistir. Fica para outra vez... Ora, quem sabe? Não faltarão ocasiões... Há mais marés que marinhos. Sim, sim, claro...

Deixe estar, eu depois falo. Depois.

Pronto... pronto... adusinho.

Obrigada, fico muito grata... Então adeus.

Chato. Pateta... Se ele voltar a falar diz-lhe que vá

ver se chove. E que vá pela sombra...

MARIANA (71): «Ataques epilépticos»...

NOÉMIA: Palerma!

MARIANA: Então, que é que ele queria?

NOÉMIA: Queria ir a uma discoteca.

MARIANA: Ó Noémia, mas vê lá, tu não te prendas

por minha causa. Se te dá prazer ir...

NOÉMIA: Estás doida, agora a uma discoteca, com um tipo que diz «epiléptico» e fala sobre carros.

MARIANA: Que chatice...

NOÉMIA: Que chatice, o quê?

MARIANA: Estou para aqui a servir de empечilho.

Tu, se calhar, apetecia-te ir e, lá por estares comigo...

NOÉMIA: Deixa lá o caixeiro-viajante. E estás a ver-

-me em discotecas, feita parva, com esta idade?

MARIANA: Estou sinceramente incomodada. Olha, a sério, por que é que não lhe telefonas e vais com ele? Eu fico bem, avango um bocadinho com os meus gráficos...

NOÉMIA: Pronto! Acabou-se!
MARIANA: Não queria era que disseses que eu estive para aqui a empatar...

NOÉMIA: Não, não, não é nada disso. Homens como aquele há por aí aos pontapés.

MARIANA: Com a nossa idade já não se pode ser muito exigente, não é?

NOÉMIA: Mas que é que estás para aí a dizer? Que é que tu sabes disso?

MARIANA: Não te zangues. Enfim, há que aproveitar as oportunidades...

NOÉMIA: Ah, então estás a insinuar que eu já estou na fase de ter de aceitar a companhia de fulanos que dizem «epiléptico» e falam de vinhos...

MARIANA: De automóveis...

NOÉMIA: Não esperava isso de ti, Mariana... Sinceramente, não esperava isso de ti...

MARIANA: Mas que é que eu disse, senhora, que é que eu disse? Eu apenas queria dar-te a liberdade de...

NOÉMIA: A mim ninguém me dá a liberdade de coisa nenhuma. Ninguém me dá nada! A liberdade sou eu que a tenho, que a conquisei. Não preciso de ajudas. Nem preciso de condescendências.

Hipócrita!

MARIANA: Desculpa, lá isso não! Vê como falas...

NOÉMIA: Com esse teu ar de sonsa tens estado todo o tempo a diminuir-me. Mas que é que tu queres? Que eu aceite a imagem que tu queres impor-me? Eu tenho quarenta e quatro anos, não sou nenhum traste... Não tenho de aceitar qualquer um...

MARIANA: Vá lá... Vai lá ter com o caixeiro-viajante...

NOÉMIA: Cala-te!

MARIANA: Eu não digo nada, eu não digo mais nada...

NOÉMIA: Falsal Hipócrita...

MARIANA: Não digo mais nada, mas era bom

que te controlasses. Estás a gritar tanto que ainda vêm lá de baixo, da recepção, a saber o que é que se passa...

NOÊMIA: Não comprendeste nada, mesmo nada, do que eu te contei até agora...

MARIANA: Vá, dorme... Filautia...

10. AMORES

MARIANA (*indo*): Tantos homens...

NOÊMIA: Eu o que não compreendo é como uma mulher se pode apegar a um homem só. Que cansaço, que monotonia...

MARIANA: Mas tantos homens, Noémia...

NOÊMIA: Bem vê: um homem para conversar, outro para passear, outro para passar férias, outro para fazer companhia, outro para a cama...

MARIANA: Eu não era capaz...

NOÊMIA: E também se podem revezar, também podem alternar, e pode-se sempre meter mais outro ainda pelo meio; baralha-se, volta-se a dar... Acredita que é tudo muito mais colorido...

MARIANA: E não te cansas?

NOÊMIA: Também se pode descansar, durante uns tempos. Faz-se uma abstinência, mais ou menos prolongada. Depois, quando for a altura, recomeça-se...

MARIANA: A mim, francamente, não me dava jeito. Sou definitivamente monogâmica. Não quer dizer que... enfim... mas tantos homens não...

Hum...

NOÊMIA: Que foi...

MARIANA: Estava a lembrar-me dum coisa... Nunca contei isto a ninguém...

NOÊMIA: Nem ao André?

MARIANA: Muito menos ao André, safai!

NOÊMIA: Então?

MARIANA: Lembras-te das operações que eram necessárias para fabricar um autocolante? Ia-se comprar o

papel a um armazém e invariavelmente dizia-se que era «para forrar gavetas». Depois, com um régua e um lápis esquadrinhava-se o papel todo, em pequenos rectângulos; depois, cortava-se à tesoura; depois escondia-se debaixo da cama porque o pai ou a mãe entravam; depois preparava-se um linóleo, com uma goiva ou um canivete; depois fabricavam-se os dísticos: «Abaixo isto» ou «Viva aquilo!», com uma tipografia de brinquedo; depois seguia-se a fase de impressão...

NOÊMIA: Eu sei isso tudo, Mariana...

MARIANA: Talvez não saibas. Tu eras mais do género de mandar fazer...

Mas, enfim, daquela vez o Octávio pediu-me que fizesse os autocolantes, e ofereceu-se para me vir ajudar, à noite. Os meus pais tinham ido passar o fim-de-semana à quinta. Esivemos ali, até às tantas, naquelas pequeninas tarefas, e, de momento, estabeleceu-se uma forte ligação entre nós. Estávamos ambos disponíveis, enfim, eu estava disponível e... aconteceu.

NOÊMIA: Ai aconteceu!

MARIANA: Depois ambos reconhecemos que tinha sido uma atracção momentânea, que...

NOÊMIA: Estás em cima dos meus papéis. Sai já daí...

MARIANA: Pronto, está bem, não é preciso...

NOÊMIA: Olha, olha, tudo amarrrotado. E se eu te fizesse o mesmo aos teus gráficos? Olha para isto, olha! Uma pessoa com todo o cuidado e ela, vái, espoja-se em cima dos meus papéis...

...

Não tinhas nada que me contar isso!

...

MARIANA: Mas tu pediste-me que contasse...

NOÊMIA: Não pedi nada! E mesmo que pedisse, não tinha nada que contar...

MARIANA: Não percebo, Noémia, eu estava tão bem a...

NOÊMIA: Há coisas que não se contam. Pura e simplesmente, não se contam, pronto!

MARIANA: Já aqui não está quem falou... eu retiro... eu sei lá... nunca pensei que...

NOÊMIA: Deixa, desculpa, são coisas minhas... Sabes o meu feito... não ligues...

...

Mariana! Tenho estado a pensar numa coisa...

MARIANA: Diz...

NOÊMIA: Talvez fosse melhor tu ires sozinha visitar o Octávio. Sempre estavam mais à vontade.

MARIANA: Mas que disparate é esse?

NOÊMIA: Sempre detestei sentir-me a mais em qualquer lado. Para mim, seria intolerável, percebes?

Vais tu só, está bem?

MARIANA: Mas isso não faz sentido, Noémia... Olha, a chorar. Noémia, Noémia, minha querida, então...

NOÊMIA: Não ligues, não é nada, isto passa. É a tensão, não sei... Isto raramente acontece comigo, mas...

Pronto, deixa, já passou.

MARIANA: Mas vamos as duas ver o Octávio!

NOÊMIA: Claro, claro que vamos... Tenho de pôr gasolina, ver os pneus... Até podemos almoçar fora... Vamos amanhã...

MARIANA: E até podemos depois ir dar uma volta com ele, espatrecer um bocado ao ar livre... Não achas que ele gostaria?

NOÊMIA: Vamos a ver... Desde que a mana do Octávio não venha connosco... Fica então combinado para amanhã?

MARIANA: Definitivamente!

11. CONTRATEMPOS

MARIANA: Olha, a chover...

NOÊMIA: Vai tudo por aí alagado... Olha para aqui-lo, olha...

MARIANA: Fica triste, isto assim...

NOÊMIA: Triste e escuro...

MARIANA: Que maçada... Lá se vai o nosso passeio com o Octávio...

NOÊMIA: A nossa visita, queres tu dizer... Eu não me meto à estrada com este tempo. Ainda por cima com um limpa-pára-brisas torto...

MARIANA: Podíamos ao menos telefonar...

NOÊMIA: Ah, isso não... Se telefonarmos é para ir. Eu não adiro a manifestações de simpatia à distância. Dava a impressão de que telefonávamos para nos descarratarmos...

MARIANA: Sim, claro... Mas podíamos telefonar e combinar outro dia...

NOÊMIA: E tu sabes quando é que o tempo vai melhorar? Esperamos... Também, não custa nada. Quem esperou até agora bem pode esperar mais um dia ou dois...

MARIANA: Olha, olha, olha... um rato... uma ratazana a nadar pela sarjeta...

NOÊMIA: Bah...

MARIANA: Aíra-lhe com qualquer coisa, anda...

NOÊMIA: Com o quê?

MARIANA: Sei lá. Oh...

NOÊMIA: A minha esferográfica vermelha... Atraste com a minha esferográfica...

MARIANA: Não há pedras. Não há nada que atirar, neste quarto... Deixa lá a esferográfica... depois comprate outra.

NOÊMIA: Devia era obrigar-te a ires lá abaixo buscá-la...

MARIANA: Olha, obrigar... E como é que tu fazias isso?

NOÊMIA: Andas embirrenta, tu...

MARIANA: Ai eu é que ando embirrenta, eu?...

...

Às vezes penso: Como é que uma pessoa se pode deixar degradar assim? Logo ele, que era o tipo mais rijo, mais decidido...

NOÊMIA: Estrás a falar do Octávio, não?

MARIANA: Quanto à doença, enfim, não se pode fazer nada... Mas o álcool, o isolamento... É certo que a vida às vezes nos prega cada partida... Mas, logo ele... Pensei sempre...

NOÊMIA: És muito ingénua, Mariana...

MARIANA: Pensei sempre que lhe estavam reservados grandes destinos. Que havia de ser um político de renome... exprimia-se tão bem... e, afinal...

NOÊMIA (*suspiro*): Ai, ai...

MARIANA: Ingénua porquê?

NOÊMIA: Mas que sabes tu do Octávio?

MARIANA: Se calhar sei mais do que tu...

NOÊMIA: Há mulheres que pensam que lá por se terem deitado com um tipo se apropriaram dele...

MARIANA: Estás a ser injusta, Noémia...

NOÊMIA: O Octávio era um menino rico, Mariana, um filho-família... Isto não te diz nada?

MARIANA: Nem por isso... Que é que tem?

NOÊMIA: Olha, em minha casa era tudo contradinho, até ao último tostão. O meu pai comprava sempre lâmpadas de 25 velas e fazia uma fita se eu estava mais de cinco minutos no banho... O Octávio não fazia contas... Não precisava de fazer contas...

Nota, isto em nada diminui a admiração que eu tenho por ele...

MARIANA: Pois, não fazia contas, não...

Às vezes marcava-me encontros para sítios afadíssimos. Eu não tinha dinheiro para os transportes: andava horas a pé... Não lhe dizia nada, mas interrogava-me: «Será que ele não percebe que a minha mesada não dá para estes caminhos?»

NOÊMIA: Ele queria lá saber...

MARIANA: Não é isso. Nem sequer lhe ocorria. Estava longe de supor que eu não tivesse dinheiro...

NOÊMIA: Inconsideração, ou desconsideração?

MARIANA: Não lhe passava pela cabeça, é natural. Devia andar muito longe destas dificuldades comezinhas das pessoas...

NOÊMIA: E aquele MG branco? O único desca-potável branco em toda a Universidade...

MARIANA: Dava-lhe uma certa graça, confessa. Uma vez até bloqueou uma rua, com o carro, em frente de uma carinha da polícia.

NOÊMIA: Pois, a polícia estava farta de conhecer aquele carro. Os sarilhos que ele não ia arranjanando...

MARIANA: Mas era tão... determinado...

NOÊMIA: É fácil ser-se um revolucionário quando a família paga as despesas. Pensando bem, o que é que o Octávio arriscava? E, verdadeiramente, o que é que o fazia correr? Para que é que ele precisava de mudar o mundo? Tudo aquilo foi um fogacho de romantismo juvenil. A juventude passou e... aí tens...

MARIANA: Falas como se não fosses amiga dele...

NOÊMIA: Que disparate! Sou mais amiga dele do que tu... Conheço-o melhor, é o que é... Não tenho necessidade de mitificar para fundamentar a minha amizade...

E a teimosia... a teimosia de *grand seigneur*... Tantas vezes que eu lhe disse para não ir para África. «Não sejamos rígidos, Octávio, se não te sentes calhado para aquilo, não vás. Não se pode exigir de todos os camaras que que»...

E ele foi, na mesmal

De resto, consideradas as relações de... enfim, de forte amizade que havia entre nós era natural, ao menos que ele hesitasse. Mas não. Quis ir. Estava impregnado de banda desenhada e de romances do Salgari... é o que era...

MARIANA: Ele pareceu-me tão determinado, tão apostado em ir... Eu também lhe pedi que não fosse. Aquela partida magoou-me, magoou-me de veras...

Noémia, talvez seja melhor não lhe falarmos em nada disto quando o formos ver amanhã.

NOÉMIA: Que disparate... é claro que não...

MARIANA: Evidente...

NOÉMIA: Houve tanta gente que foi para a guerra... Por que é que logo ele reagiu assim? A acreditar na Amélia está fechado no casarão, com a irmã a tratar dele...

Aquela horrível irmã, com a dentuça assim... Imaginal! Era frágil, o Octávio...

12. OCTÁVIO

OCTÁVIO está sentado, na obscuridade, num espaço diferente do de NOÉMIA e MARIANA. Pode acontecer que, por vezes, a sua fala se cruze com a delas. Bebe. Na mão, uma carta.

Há por ali um cão

OCTÁVIO: Como descobriram a minha morada? Ah, a Amélia, claro...

«Colega, amigo, vai-se realizar... no dia tal (já foi...) no restaurante... do Bairro Alto um jantar de confraternização... não sei quê, não sei quê... a crise académica... avisa outros amigos... tal, tal, tal...

A Noémia não assina, não faz parte da comissão organizadora. Teria ido lá?

E a Mariana, a Marianita?

Muitos faltaram, com certeza: já ninguém os arran-

ca ao concheio da televisão; outros, até prefeririam que não se soubesse: não perderam a esperança de ir a ministros...

Outros já cá não estão: foram desaparecendo. A minha geração começa a fazer as despedidas. Ouviste, cão? A minha geração começa a bater a botá...

Para a próxima apareço, lá no encontro. Para a próxima? Ah, se houvesse próxima...

...

«Estudantes! Colegas! Este ano de 1965 há-de ficar assinalado por uma pedra-negra-nos-anais-da-História...»

«Colegas! Estudantes! Como dizia o grande-poeta-há-que-manter-sempre-bem-vivo-o-sentido-da-epopeia...»

Eh, que calor cá por dentro quando estralejavam os aplausos e subiam os clamores... Que pequenos instantes tão eternos...

...

Nunca, nunca enfiar aquela dos «Valentes estudantes portugueses». Num papelucho, em papel bfbhita... Ah, a Noémia era terrível:

Reconstitui-se uma conversa antiga. NOÉMIA e MARIANA respondem lá do seu espaço, hirtas, sem nunca olharem para OCTÁVIO

OCTÁVIO: Mas que é isto, Noémia? «Valentes estudantes portugueses, a vossa luta...», etc., etc. ... Valentes? Mas que raio de linguagem é esta?

NOÉMIA: É assim mesmo. Enfrentar o governo é ou não um acto de valentia?

OCTÁVIO: Bom, está bem... mas... esta linguagem não serve. Ninguém se sente identificado com ela... A gente distribui isto e os estudantes desatam-se a rir...»

Valentes estudantes»... Bah... Já estou a ouvir as gargalhadas!

NOÉMIA: Estás com preconceitos elitistas, tu! É assim que o nosso povo vê os estudantes. Como valentes...

OCTÁVIO: Mas nós não vamos distribuir isto ao nosso povo. Vamos fazer chegar os papéis aos estudantes e os estudantes desatam-se a rir se lhes chamamos «Valentes».

Já agora, por que não «excelssos» ou «egregios» ou «ínclitos» ou «alevantados»?

Estou mesmo a vê-los a receber isto e a romperem à gargalhada!

NOÉMIA: Ouve: vê se te compenetras duma coisa. Tu és um revolucionário, não és um intelectual!

OCTÁVIO: Ah, sim?

Intelectual ou não, «valentes» é um disparate. É ridículo...

NOÉMIA: Está bem, eu tomo nota da tua observação e transmito...

...

MARIANA: O documento está muito bom! Estou de acordo, Octávio... Só há... aqui um pormenor de que eu discordo: é isto dos «valentes». Estás a ver? As pessoas vão achar estranho.

OCTÁVIO: Então e não é verdade que os estudantes têm sido valentes a afrontar o governo? É preciso coragem ou não?

MARIANA: Pois, mas é o termo, estás a perceber? O vocábulo...

OCTÁVIO: E o que é que tem o vocábulo?

MARIANA: Soa assim um bocado a... enfatuado. Ou então, ao contrário, se quiseres: a popularucho. Não sei, não sei dizer bem...

OCTÁVIO: Ouve, Mariana, é preciso utilizar termos que toda a gente compreenda. Este papel é para ser dis-

tribuído entre os estudantes, mas vai ser lido por muita gente: pelos operários, pelos camponeses. «Valentes» é uma palavra que toda a gente percebe. Não podemos ser elitistas. Como é que o nosso povo diz? Não é «valentes»?

MARIANA: Pois, mas eu tenho medo de que os estudantes se riã... Imagina que vais para um plenário e dizes «valentes estudantes!» Toda a gente desata a rir, não é?

OCTÁVIO: Mas o nosso papel também é educar os estudantes para que eles compreendam a linguagem do povo.

MARIANA: Achas mesmo isso?

OCTÁVIO: Acho, pois!

...

Que sossego...

Não é bem o sossego que eu queria: a quietação doce e húmida de um pântano. Mas, enfim, não se pode ter tudo. E quando nos dão algum sossego, há que apreciá-lo bem, não o desperdiçar... Janelas, portas fechadas, nem as moscas bulem...

Cão, ó canto... vamos lá a saborear esta tranquilidade...

Então, mas que é isso? Tu não me fazes a continência? Estou para aqui a dizer verdades fundamentais e o meu cão não me faz a continência? Não quero cá rabos a abanar... Um cão que se preza, um cão sábio e respeitador, deve fazer a continência! Bater a palat!

Bem, se não me fazes a continência a mim, fá-la pelos menos à dona que vem aí. A mana chegou das compras. Acabou-se o sossego! Cão, saudemos a mana, bem alinhados, peito para fora e barriga para dentro: firme!

A mana traz os remédios amargosos... E os cigarros? Excelente!

...

As pessoas falam, falam... por que é que as pessoas falam tanto? É uma zoada, zum-zum, zum-zum, tudo a falajar, a falajar...

Provavelmente estão convencidas de que o que dizem interessa a alguém. Contam histórias, contam casos, exibem-se... Mas eu quero lá saber, quero lá saber... Até a Noémia lhe deu para escrever livros: uma calhandrice por escrito...

Eu reclamo um pântano!!!

Há dias, estava a mana na canasta, mais o padre e o governador civil e a mulher do veterinário e aquele mafioso da cortiça e vai eu e entro pela sala dentro, num vozeirão: «Abram alas a um ex-combatente, abram alas a um ex-combatente...» Ficaram todos muito espantados a olhar para mim, enquanto eu perguntava a cada um deles, de jeito carrancudo: «Vosselência também foi combatente?» Subitamente, voltei-me para a mulher do veterinário e disse: «Imagine que vim de lá inválido, minha senhora. Aqui onde me vê, estou maneta do fígado...» A mulher, incomodada, respondeu por instinto: «Ah, coitado...»

A mana não me fala há três dias. Severa, a mana...

Telefone

Quem? A Amélia? Não estou, não estou, não atendo a Amélia: diz-lhe que fui a Badajoz, comprar caramelos, que estou num piquenique no fundo da mina de Aljustrel. Que estou no banho? No banho às quatro da tarde... Perspicaz, a maninha... Daqui a bocado volta a Amélia à carga...

Só esta Amélia é que me procura. Que interesse terá a Amélia em mim?

Telefone

Amelinha? Viva... Eu? Estou bem, estou magnífico. Acabo de me inscrever na secção de halterofilia do clube dos bombeiros. Não, mal, não estou... Dói-me é um braço: foi ontem à tarde, na caça ao javali. Umás dentadazitas, não tem importância. Agora, a brincar... Eu? Obrigadinho, manda sempre...

Cão, da próxima vez atendes tu a Amélia, combinado?

...

Quem é que abriu uma janela? Entra o sol, o maldito sol. Estou farto de dizer que o sol é nocivo, o sol é a fonte de todas as podridões... E esse horroroso barulho dos gritos. Odeio o ruído dos gritos!

...

«Colegas, Estudantes!!!» O medo que eu tinha... O medo que eu sempre tive. Só eu é que sei, da minha intimidade com o medo... O coração batia em tropel, o sangue afluía-me às fontes, as mãos, transpiradas, tremiam e... uma lassidão, nas pernas... Mais tarde, em África era a mesma coisa: um desejo insistente, avassalador, de não estar ali... Nas manifestações atirava-me para a frente, desafiava a polícia, fazia peito... Era preciso... Ninguém adivinha, os medos que eu passei...

...

A Noémia não reparava... Pura e simplesmente, não reparava... Ou então — pior — fazia de conta que não reparava. Mas eu falava-lhe de maneira especial, olhava-a de maneira especial e, quando, desprevidadamente, lhe tocava, a minha perturbação devia ser notória, talvez, mesmo, patética...

Ela não queria saber...
Um dia tive de lhe dizer:

Noémia, gostava de te falar num assunto pessoal...

NOÉMIA: Ah, um assunto pessoal? Diz, diz...

OCTÁVIO: Gosto de ti!

NOÉMIA: É natural, Octávio, também gosto de ti...

OCTÁVIO: Não é isso, Noémia. Gosto de ti como homem...

NOÉMIA: Ai, ai, Octávio, deixemos lá os assuntos pessoais... Não achas que a tua organização poderia fazer um esforço maior na recolha de fundos?

OCTÁVIO: Está bem, Noémia, vamos ver...

...

Mas por que é que tu me davas cabo dos namoros, Noémia? Eram ligações passageiras, alegres, frescas, e tu intromeias-te sempre... «Andas a dar-te muito com fulana, olha que ela não é de confiança...»; «Beltrana toma atitudes suspeitas, toma cuidado com ela...» «Foste visto com Cicrana... Vê lá em que é que te metes?...» E eu, obedientemente, cortava as relações. Julgava sempre que era uma forma disfarçada de me chamares a ti. Mas não... «Octávio, o autocolante, Octávio, a manifestação, Octávio, os fundos, Octávio, as tarefas...» Oh, Noémia, Noémia...

Quando voltei de África pensei em telefonar-te. Queria esclarecer tudo aquilo. Depois o tempo foi passando... e eu fui ficando com medo de mais uma conversa entrdilhada e frustrante...

...

Passsei aqui há tempos por uma livraria e folheei o livro da Noémia. Divagaçõeszinhas confessionais e intimistas, uma aguatatintazinha de erotismo *quantum*

saris e pequeninas reflexões sobre acontecimentos tozinhos... Não comprei o livro. Não teria paciência para o ler...

Sempre lhe destinei um futuro de intervenção política. Depois do 25 de Abril cheguei a esperar que ela aparecesse no jornal como figura destacada, a dizer umas coisas muito categóricas e definitivas... Nada... Um livrozito... uma prosazinha poética, um desfiar de banalidadeszinhas inofensivas. Ah, Noémia...

...

A Marianita casou com o André: sempre a atracção dos contrários... Como ela era faladora... às vezes maçava um bocadinho... O André não era mau tipo. Somma, somma como tudo: «isto é preciso é calmária, pá! Isto é preciso é calmária...» Se calhar tinha razão: isto o que precisa é de calmária...

Teriam ido à confraternização? A Mariana não faltava, com certeza. O André... não sei...

...

Noémia, ao sol... Eu via-a vir, muito ao longe, depois de dobrar aquela esquina e ficava a observá-la, sentado num banco de jardim. Pontualmente, às sete horas...

Pelos bancos em volta, havia velhos sentados, a aproveitarem as últimas réstias da tarde...

Que parada tão alta que eu joguei... Perdi!

...

Noémia, vou mobilizado para África...

NOÉMIA: Tem de ser, não é?

OCTÁVIO: Que é que eu faço, Noémia?

NOÉMIA: Sabes o que tens a fazer... Depois escreves-me, está bem?

OCTÁVIO: Como eu me senti, meu Deus, como eu me senti...

Ah, quem dera um pântano... Um vasto, sombrio, tranquilo pântano, de arez espessos, pesados, com um definitivo silêncio a pairar sobre tudo... Silêncio... Quando muito, um gorgolejar abafado de bolhas de metano, raramente, aqui e além... ou talvez o sinal muito subtil, muito subtil, do rastejar dumra serpente...

Nada de agitações, nada de rumores, nada de golpes de luz... apenas o passar do tempo, lento, aquietado, e aquele odor húmido, adocicado, de coisas mortas e, portanto, inofensivas...

Um honrado, tranquilo pântano...

Mana, maninha, minha querida mana... Leva-me para um pântano e deixa-me lá estar, quieto, com o meu cão ao lado...

...

Sinto por aí escondida a grande cabra... a imunda, repelentíssima cabra... Adeja aqui em volta, muito fortuita, muito de mansinho... atenta, à espreita, confundida com os cotões, com os bolores, com as sombras... Já há tantos anos que te conheço o jeito, que te adivinho o bafo...

Sentes-te bem, neste ambiente? Entre rendas, bilros, consolas, sanefas, molduras e *cache-pois*? E há as velhas mesas mancas, os canapés de estofos macerados, as rendas e rendinhas, em que já não se percebe bem o que é renda de renda e renda de pó, os retratos bigodudos e graves dos avós, as cabeleiras repolhudas das avós e o monóculo daquele ancião que foi tenente de cavalaria no quadrado de Marracuene: a avó contava, com orgulho, que ele só deu a voz de CARGAAA!!! depois de ter composto o monóculo, e de monóculo espadeirou alegremente os indígenas...

A esse não o quiseste tu, na devida altura, imunda cabra. O homem ali a oferecer-se-te, de monóculo e tudo,

e tu viraste-lhe as costas, para o vires recolher mais tarde, num desses quartos, esclerótico e babado... És perversa, cabra... Perversa e leviana...

Também em África passaste o tempo a farejar-me os passos. E agora, aqui me espreitas outra vez...

Vitoriosa?

Bah, recuso-me a prestar-te qualquer atenção...

Cão, ó canito, como vai essa vida, pã?

...

Mariana, Mariana, vou para a guerra...

MARIANA: Tenho pena, Octávio. Tem mesmo de

ser?

OCTÁVIO: Tem.

MARIANA: Razões políticas, não é?

OCTÁVIO: Não só, Mariana...

MARIANA: Toma cuidado contigo, Octávio.

OCTÁVIO: Sim, Mariana...

MARIANA: Escreve, Octávio.

OCTÁVIO: Adeus, Mariana...

...

Até ao último momento estive à espera que a Noémia me aparecesse e dissesse: «Octávio, não vás!»

Quando o telefone tocou pela última vez... não era ela! Bem podes ronder, imunda cabra... Eu não te faço o jeito. Tens de levar-me à força. Eu não resistirei: seria ridículo espermear, gesticular... Mas não vou de vontade, não... Levas-me, mas levas-me à força...

Noémia... um gesto, um sinal... bastava um gesto... uma entonação de voz...

...

Eu quero um pântano...

13. O GOLPE DE MÃO...

OCTÁVIO: Eu era apenas um rapazito... convencido de que sabia tudo, e afinal não sabia nada de nada. Parti de dentes cerrados: «Não me deixam abaixo! Ninguém me deixa abaixo!»

NOÉMIA: Acho que começa a estar frio...

MARIANA: Já esteve melhor, já...

OCTÁVIO: As pessoas geralmente pensam que as guerras são feitas por homens. Não é verdade. Quem anda na guerra são os gaiatos...

Eu era apenas um rapazito, com outros vinte e quatro gaiatos, para ali, no meio do mato...

NOÉMIA: Um dos assuntos predilectos dos homens é a tropa. Não suporto. Já não posso ouvir. Todos comem por dizer que odeiam a tropa, as armas, a violência... mas é dar-lhes confiança e aí estão eles largados a falar daquilo, durante horas seguidas. Casos, histórias, anedotas... não conseguem parar. Ficou-lhes a marca da grande brincadeira, da última correria da meninice...

OCTÁVIO: O puto não se calava... Aquela moenga, aquele bramido, ora mais alto, ora mais sumido... E os homens, à minha volta, a perguntar: «Meu alferes, meu alferes, que é que se faz, que é que se faz?»

«Que é que se faz? Que é que se faz?» Mas eu sabia lá. Eu sabia lá!!

NOÉMIA: Autocomiseração, sempre aquela autocomiseração...

MARIANA: O André nunca fala nessas coisas. Também, a verdade é que ele nunca fala de nada... Pura e simplesmente, não fala.

NOÉMIA: Festinhas, querem festinhas, querem colo. Gostam que a gente lhes afague a cabeça, os aconchegue ao regaço, murmurando: «Coitadinho, coitadinho, vejiam lá o que ele sofreu...»

Os homens apreciavam que se murmurasse, sabias?

MARIANA: Tu sabes mais de homens que eu...

OCTÁVIO: Mas quando o puto finalmente se calou, foi...

Os olhos muito abertos, o peiozito negro a arfar, a arfar, muito ligeiramente a arfar. Olhava para mim. Olhava para mim!

E os homens a perguntar: «Que é que se faz? Meu alferes, que é que se faz?»

NOÉMIA: A autocomiseração... Eu nunca precisei de sentir piedade por mim própria. Nunca consentiria que tivessem piedade de mim...

OCTÁVIO: Eu não merecia isto! Eu afinal tinha ido para aquele inferno para fazer a guerra à guerra...

NOÉMIA: Passas-me a manta, por favor?

MARIANA: Queres que feche a janela?

NOÉMIA: Não, deixa, depois ficava abatado...

OCTÁVIO: Antes de partir, prometi a mim mesmo que nunca dispararia um tiro. Prometi e faltei. Mentira! Tanto tiro que eu disparei... Tanto medo que eu tive...

MARIANA: Para muitos, aquilo foi um pesadelo. Tens de reconhecer isso, Noémia.

NOÉMIA: Mas por que é que ele embarcou? Ele tinha possibilidades, tinha meios... Por que é que não foi para Paris, como outros?

MARIANA: Ai agora a responsabilidade é dele?

NOÉMIA: De quem querias que fosse? De quem querias que fosse?

MARIANA: Noémia... Vamos lá...

...

Eu nunca o contrariei, sabes?

NOÉMIA: E eu... E eu...

OCTÁVIO: Demorámos horas (quatro? cinco?) a aproximar-nos da base. Uma eternidade para cada movimento, por mais pequeno que fosse. Enfim, localizámos os guardas: um deles foi logo artumado. Garrote! Prático, rápido, silencioso.

Um furtiel e eu esperámos pelo amanhecer ao lado do outro guarda: era um velho de carapinha branca que dormitava, encostado a uma árvore. Durante todo aquele tempo (três, quatro horas?) a arma do furtiel esteve sempre a um palmo da cabeça do negro...

E o velho, no sono, resmungava, falava alto...

MARIANA: Então aquele caso do miúdo... Coitado do Octávio...

NOÉMIA: Não digas «coitado». Não achincalhes.

MARIANA: Não me regulo pelos teus padrões, minha querida...

NOÉMIA: Poupa-me a sensibilidade, ao menos...

...

Olha, vou telefonar-lhe.

Por favor, ligava-me ao...

Não, deixe estar, não é nada... Nada, nada... obrigada...

...

Que história foi essa do miúdo?

MARIANA: Não sabes?

NOÉMIA: Não.

OCTÁVIO: Enfim, amanheceu. Tínhamos a base na frente. Um autêntico bilhete-postal: uma dúzia de palhotas, galinhas magritíssimas já a debicarem aqui e além...

Apertei com força a perna do furtiel. Era o sinal. O tiro ecoou pela floresta e o velho tombou para diante, desarticulado.

Coitado. Durante aquelas horas, tinha dormido, tranquilamente, com a morte, grande cabra, ao lado...

MARIANA: Há coisas que, se calhar, é melhor não se saberem...

NOÉMIA: Sou tão amiga dele como tu... ou mais. Acho essa tua reserva ofensiva...

MARIANA: Deixa lá...

OCTÁVIO: Depois foi aquela ventania de tiroteio raioso... Do lado de lá, ninguém teve sequer tempo de pegar numa arma...

E no meio de todo aquele pandemónio, duas estúpidas galinhas, indiferentes, debicavam, esgaravavam a terra, muito tranquilas...

Era uma afronta para com a obra dos homens. Creio que o furtiel também sentiu o mesmo: aprovei, quando ele desviou a arma e as abateu, numa revoadada de penas e carnes soltas. Aquilo era uma mortandade! Os animais não tinham o direito de se alheiar!

MARIANA: Quando a minha tia morreu — imagina — deixou-me um escrínio chinês com seis gavetinhas. Um escrínio. E eu que não tenho jóias para guardar...

NOÉMIA: Mas isso vem a propósito de quê?

MARIANA: De nada. Precisamos de falar sempre a propósito de qualquer coisa?

OCTÁVIO: Nem precisavas de dizer nada, Noémia... Bastava um gesto, um trejeito, mesmo... ou, nem isso... um certo olhar, um sorriso, um sinal qualquer...

NOÉMIA: Está bem, se não quiseres dizer, não digas...

MARIANA: O quê?

NOÉMIA: Bem sabes.

MARIANA: Se soubesse, não perguntava...

NOÉMIA: Irra, que farta, que farta que eu estou...

OCTÁVIO: As malditas galinhas...

Depois foi o choro. Já nada mexia na aldeia e ouvia-se aquele choro de criança, por entre os disparos. «Alto ao fogo», mandei eu. «Alto ao fogo!», repetiu o furtiel. Daí a nada, um dos homens aparecia-me com o bebé ao colo. Um milagre...

...

Imunda cabral! Tens de reconhecer que além de cabra és incongruente e volúvel...

Em África passaste o tempo no meu encalço... Tantas vezes eu te pressenti, ao perto, como agora... dependurada num embondeiro, agachada atrás dum arbusto, entrodilhada na areia da picada... Eu estava disponível, à tua mercê, tanto como hoje, e tu deixaste-me ficar... Estavas só a observar... Fazias-te rogada... E agora, aqui me espreitas...

...

Queimámos tudo e afastámo-nos à pressa. Queríamos ficar rapidamente longe do cheiro a carne humana queimada... Um de nós trazia o putro ao colo. E ele chorava, chorava...

Noémia, Noémia, por que é que deixaste que isto acontecesse? Bastava um olhar teu, Noémia. Um olhar...

Horas e horas, no meio do mato, e o putro não se calava, Noémia...

NOÉMIA: Eu, francamente, eu não sou de arcas encouradas. Sou franca. Se tenho alguma coisa a dizer, digo!

MARIANA: Eu também...

NOÉMIA: Que é que aconteceu ao Octávio? Que história é essa do miúdo?

OCTÁVIO: Quisemos dar-lhe leite condensado, mas ele deitava tudo fora. E chorava, chorava. Eram os homens à minha volta: «Meu alferes, meu alferes, o putro não toma nada, meu alferes, o putro deita tudo fora, meu alferes, o putro está cada vez mais fraco, meu alferes, o putro não se cala...»
Veio a noite. No dia seguinte, o miúdo calou-se. Só os olhos, muito abertos, e uns gemidos muito baixos, muito fracos.

«Meu alferes, olhe que o putro se calou, meu alferes, o putro ainda nos morre para aí...» O que é que se faz? O que é que se faz?

O que é que eu podia fazer? Eu ia dizendo: «Aguentem, mas aguentem, pá...»

E o miúdo, a definhar, a definhar...

Passavam-se as horas e...

«Meu alferes, que é que se faz?»

...

Noémia, Noémia, bastava um gesto teu, uma entonação de voz...

...

Eu já não podia mais. Não ia deixar que o miúdo nos morresse nos braços, não ia deixá-lo abandonado, no meio do mato...

Eu já não podia mais...

Disse a um soldado que me trouxesse o miúdo e...

Estrondo de um tiro

14. DESENCONTRO

MARIANA: Aí tens o que querias saber... Não era melhor que não soubesses?

...

Com o dinheiro deste trabalho, vou comprar um forno de micro-ondas. Sempre desejei ter um forno de micro-ondas, mas o André...

NOÉMIA: Cala-te!

MARIANA: Lamento, Noémia, estou farta!

NOÉMIA: Então, olha, se estás farta...

MARIANA: Não é só a tendência que tu tens para emburrar com toda a gente, nem essa exibição de petulância... É que passaste todas as marcas...

NOÉMIA: Eu também, só observei que...

MARIANA: «Cala-te! Cala-te!»... Cala-te tu!

NOÉMIA: Mas que estás tu a fazer?

MARIANA: Estou a arrumar as minhas coisas. Para mim, acabou-se. Alhetal!

OCTÁVIO: Noémia, Noémia, eu vou para a guerra, não dizes nada?

NOÉMIA: Desculpa, Mariana, mas não vais.

MARIANA: Este lenço, é teu ou meu?

OCTÁVIO: Noémia!

NOÉMIA: Não vais, Mariana!

MARIANA: E quem é que me impede?

NOÉMIA: Tomaste um compromisso: estávamos aqui oito dias, lembra-te? Os compromissos são para se cumprir...

OCTÁVIO: Nunca me escreveste, Noémia. Eu esperi, eu esperi, e tu nunca me escreveste...

MARIANA: Que se lixem os compromissos. Nem mais um minuto. Safai!

NOÉMIA: Mariana! Fical!

MARIANA: Ai, não, isso não, tira-te da frente...

NOÉMIA: Fica, Mariana...

MARIANA: Se não te tiras da frente, aleijo-te. Olha que eu não hesito... Noémia...

OCTÁVIO: Mariana, desculpa, tu escreveste e eu nunca respondi... Ia adiando, adiando...

NOÉMIA: Para que é isso, de que é que serve isso? Quem tem as chaves do carro sou eu. Olha...

MARIANA: E eu ralada... Há-de haver táxis e carrionetas.

OCTÁVIO: «Meu alferes, que é que se faz? Meu alferes, que é que se faz?» Que é que eu havia de fazer? Digam! Eu preciso que me digam!

NOÉMIA: Não me faças isso, Mariana... Não faças...

MARIANA: Ai faço, faço... Desculpa, mas faço...

OCTÁVIO: Estava o puto ali... o puto ali...

NOÉMIA: Mariana, por favor, peço-te: não vás...

Escura: Tu nem imaginas como eu me sinto, Mariana. Tudo me corre mal, tudo me sai às avessas. Eu pego em qualquer coisa, ela desfaz-se, eu quero qualquer coisa, e acabo por ter sempre o contrário.

Tens-me visto para aqui a alardear a minha firmeza, a dar sentenças, mas tinhas obrigação de saber, Mariana, que eu apenas me defendo. Eu tenho muito medo e defendo-me, percebe, Mariana.

MARIANA: Noémia, pronto...

Mas não percebo em que é que um forno de micro-ondas colide com os meus princípios...

NOÉMIA: As vezes sinto-me tão mal, tão só, que chego a folhear a lista telefónica e venh-me a tentação de ligar para um daqueles números ao acaso: «Eh, olá, eu sou a Noémia...» Depois nunca tenho coragem... arrumo coisas, disponho coisas. Tenho passado a minha vida, pensando bem, a organizar coisinhas, a arrumar coisinhas, a tirar coisinhas de um lado para pôr no outro... e as coisinhas só têm a importância que eu lhes dou, Mariana...

MARIANA: Vamos, vamos...

Mas por que é que eu não hei-de ter um forno de micro-ondas, como toda a gente?!

NOÉMIA: E os homens? Ficaste impressionada com aquilo dos homens, não foi, Mariana? Tu sabes lá o que é ter sempre as mesmas conversas, sempre os mesmos gestos e acabar todas as manhãs com uma sensação de abandono, de frustração. Eles estão sempre de passagem, Mariana, vão sempre para outro lado. É uma monotonia tão grande... Talvez para algumas não seja... Mas, para mim... Nem sabes, Mariana, a raiva que eu me sinto, a sós comigo...

OCTÁVIO: Eu era apenas um rapazião...

NOÉMIA: Admiras-me, por eu ser uma escritora?

Oh, Mariana, apenas dá para fazer parte de um pequenino clã, que nem seita chega a ser...

Aliás, eu sou uma falsa escritora. Há falsos médicos,

falsos advogados... Eu sou uma falsa escritora. O que eu pratico é, de certo modo, um charlatanismo da escrita. Tu viste aquele meu texto... Não vale nada...

Quando saiu o meu livro eu pensava que toda a gente iria reconhecer-me na rua, que todos, os empregados de café, os do supermercado, todos me apontariam, dizendo: «Lá vai a escritora»... Que tolice... Continuei a ser a dou-torazeca lá do ministério... Estás a ver, Mariana, estás a ver?

MARIANA: Pronto, Noémia, deixa lá... Não exageres...

Se fosse um ferro de engomar, ou uma torradeira, ninguém se espantava. Toda a gente pode ter torradeira ou televisor a cores sem ser acusada de burguesa. Ao fim e ao cabo qual é a diferença entre uma torradeira e um forno de micro-ondas?

NOÉMIA: É tudo tão efêmero, Mariana, tão passageiro...

OCTÁVIO: Há tanta coisa que ficou por esclarecer, Noémia, tanta coisa...

E tu daquela vez não estavas lá para me dizeres o que é que eu havia de fazer...

NOÉMIA: Tenho quarenta e quatro anos e passei a vida a fazer coisinhas, inutilidades, trapalhadinhas...

MARIANA: E eu, Noémia, e eu...

Em que é que eu era mais estimulável se não tivesse torradeira, batedeira, televisor a cores, ou um forno de micro-ondas?

OCTÁVIO: Eu não podia, não podia deixar o puto ali no meio do mato... Compreendam... eu não podia... «Meu alferes, que é que se faz?» Eu tinha de fazer alguma coisa, eu...

NOÉMIA: Compreende, Mariana, eu tenho de me defender... Não me abandones, não? Toda a gente me abandona... Tu, não...

MARIANA: Pronto, Noémia...
Era melhor que eu tivesse um fogão a lenha? Ali, o

tempo todo a enfartuscar-me, a perder horas... Lenha para aqui, fuligem para ali... Com um forno de micro-ondas, zás, em dois tempos está a refeição pronta. E eu sou menos progressista, por causa disso?

NOÉMIA: Por que é que o Octávio me deixou e foi tão estupidamente para África?...

MARIANA: «Querias ser um camponês», dizia o André nas situações tensas. Disparate: o André sabe lá o que é um camponês... Mas quando as chatices apertavam dizia que queria ser um camponês. Os camponeses têm chatices todos os dias e nunca lhes dá para quererem ser intelectuais... acho eu...

NOÉMIA: Eu gostava do Octávio, Mariana, a sério que gostava... Mas não podia dizer-lhe, não é?

Não podia, pois não, Mariana?
Mariana: Ouve-me! — eu não... eu não podia...

Telefone

MARIANA: Sim, filho? Ah, sim? Ainda bem... Não, não é nada... O pai quer falar? Aleluia! Passa, passa... Ora viva, o príncês... Então onde tem andado metido?

Ah... quando? Como subeste? Hum, A Amélia... Pois... Quando é? Não, fizeste bem, fizeste bem em dizer... Que chatice... Amanhã? Hum... Não sei... depois digo... Adeus...

Longa pausa, OCTÁVIO morreu.

NOÉMIA: O... o Octávio?